



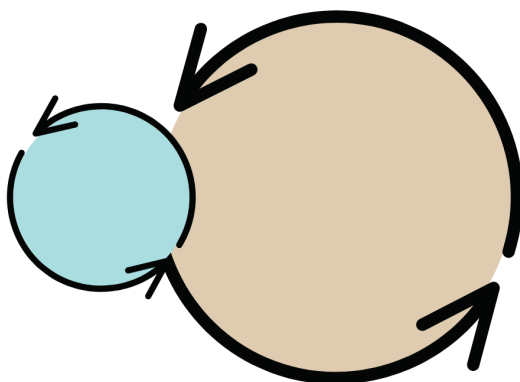
Missão 360°

A nossa proposta “missiológica”
ao longo do tempo de estudo e ao longo da vida

GBU

ÍNDICE

Sinopse	3
Missiolo-Quê???	4
Propósito	5
Missão de Amplitude Reduzida	7
O Movimento Lausanne	21
Sacerdócio Universal	29
Teologia do Trabalho	36
Teologia do Quotidiano	41
Espiritualidade 360°	45



SINOPSE



Onde é que passas a maior parte dos teus dias? A fazer o quê? Se fizeres um esboço do teu horário semanal típico, quais são as atividades e as tarefas que mais te ocupam? Provavelmente as aulas, os estudos e/ou o trabalho, bem como atividades mais corriqueiras tipo dormir e comer. Mas também os *hobbies*, os interesses pessoais, o entretenimento e os momentos de convívio, para além, claro, das coisas ditas “religiosas”.

Será que encontras Deus presente e ativo em todas estas atividades? Consegues encarar a totalidade do teu horário semanal como missão? Tens toda a tua vida quotidiana ancorada no Senhorio de Jesus Cristo?

As Escrituras colocam-nos diante desse desafio arrojado e radical de encarmos a nossa vida como missão permanente. Deus convida-nos a ser seus embaixadores nos negócios, nas escolas, nos hospitais, nos bairros, em qualquer profissão ou projeto em que estejamos envolvidos, bem como na esfera pessoal e familiar. Somos como sacerdotes representando Deus nestas realidades e representando estas realidades diante de Deus. Assim, vivemos numa missão 360º que se estende a tudo aquilo que fazemos no nosso quotidiano. Uma vez que esta missão se desenrola em simultâneo—até em simbiose—com a missão de Deus na transformação dos nossos corações, podemos até dizer que somos chamados a viver uma espiritualidade integral que abarca todo o nosso *ser* e todo o nosso *fazer*—sem áreas de exclusão.

Neste *booklet* apresentamos aquela que tem sido a proposta do GBU ao longo das décadas para a missiologia e a espiritualidade integral do cristão. Ou seja, para que a vida interior e a vida prática sejam plenamente submetidas ao Senhorio de Jesus Cristo; “para que Deus seja tudo em todos” (1 Coríntios 15:28).

MISSIOLO-QUÊ???

A missiologia é o ramo da teologia que estuda a missão cristã, discutindo o âmbito e a abrangência dessa missão, a história das práticas e das iniciativas missionárias ao longo dos séculos e a avaliação teológica e bíblica dessas práticas e das filosofias de ministério e/ou pressupostos culturais que lhes são subjacentes.

No GBU propomos que a missiologia cristã abrange necessariamente todas as áreas de atividade humana, motivando a análise crítica e a participação nessas áreas à luz do evangelho, entendido como a boa notícia da reconciliação de todas as coisas por meio da obra singular de Jesus (Col 1:19-20).

[Col 1:19-20, BPT] “Porque Deus achou por bem estar totalmente presente no seu Filho, e também, por meio dele, reconciliar consigo mesmo tudo o que existe na Terra e no Céu, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz.”

[Col 1:19-20, MSG] “Além disso, todas as peças quebradas e deslocadas do Universo — pessoas e coisas, animais e átomos — estão agora consertadas em vibrante harmonia, tudo por causa de sua morte, de seu sangue derramado na cruz.”

Um missiólogo cristão é alguém que está interessado numa vasta gama de temas e problemas inerentes à vida humana e teima em meter Jesus ao barulho em todos esses temas e problemas!!

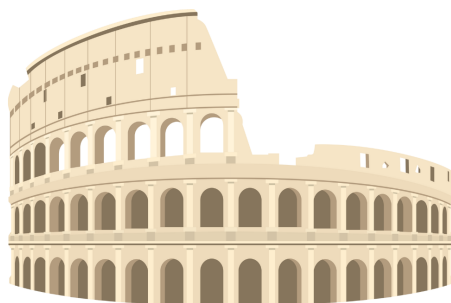
Dr. Timothée Joset, Coordenador do Departamento de Envolvimento com a Universidade da IFES

PROPÓSITO

O propósito deste livreto consiste em enquadrar a missão cristã de modo a nutrir esta perspectiva tão rica e tão fecunda de que tudo aquilo que fazemos é missão para o Senhor.

Isto implica que a nossa vida é integralmente vivida como um ato de serviço a Deus e ao próximo; é integralmente vivida debaixo do Senhorio de Jesus Cristo que se importa com a vida humana e com o cosmos em todas as suas dimensões.

A afirmação “Jesus é o Senhor” foi um dos primeiros credos cristãos e tem um carácter muito radical, uma vez que não podemos servir a dois senhores (Mateus 6:24-26). No contexto do Império Romano, esta afirmação surge como oposição à reivindicação do Imperador que se considerava a si mesmo Senhor absoluto, aquele a quem os súbditos deveriam ser leais e prestar juramento. Nos primeiros séculos da era cristã, muitos foram martirizados por se recusarem a afirmar que César era Senhor. Eles sabiam que, em última instância, os joelhos só poderiam ser dobrados ao nome de Jesus e o título de Senhor só poderia ser pronunciado em relação a Jesus (ver Filipenses 2:9-11).



Hoje continuamos sujeitos à tensão causada por projetos imperiais, mais ou menos declarados, e pela exigência de lealdade de senhores—

que podem ser egos, pessoas, estruturas sociais, elementos culturais, ideologias—mais ou menos explícitos. No meio desta realidade, continuamos também a proclamar que “Jesus Cristo é o Senhor”. Nesse sentido, sujeitamos a totalidade das nossas vidas, do nosso tempo e dos nossos projetos ao Senhorio de Cristo. Somos seus servos a tempo inteiro. 24/7. Em tudo o que fazemos.

Daqui resulta o epíteto *Missão 360°*: uma forma visual de descrever a missiologia integral do cristão. Para onde quer que nos viremos, qualquer que seja a direção que tomamos, independentemente do local onde estamos e para onde vamos em seguida, estamos em missão.



Este epíteto pode ser complementado com o princípio da *missão encarnacional*. Em João 20:21, Jesus comissiona os seus discípulos dizendo-lhes:

[Jo 20:21b, BPT] “Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio.”

Ora *como* é que o Pai enviou Jesus? O prólogo do evangelho de João explica que Jesus foi enviado como a Palavra que encarnou (Jo 1:14). Ele veio “habitar no meio de nós” e, desse modo, os seres humanos puderam ouvi-lo, vê-lo, contemplá-lo e tocar-lhe (1 Jo 1:1-3). Seguindo o mesmo princípio, podemos concluir que nós também somos enviados a agir “no



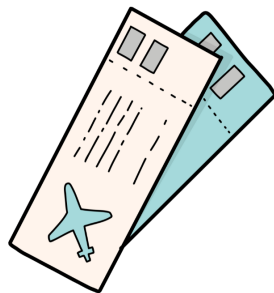
meio” da realidade concreta em que estamos inseridos, de um modo visível, presente, material. Estamos em missão com olhos abertos, ouvidos prontos e mãos ágeis para intervir com compaixão e com verdade nos espaços concretos em que participamos.

MISSÃO DE AMPLITUDE REDUZIDA

Definição Restritiva

A missão 360° contrasta com uma missiologia mais restritiva que vê como missão da igreja e dos cristãos apenas as iniciativas que dizem *diretamente* respeito ao evangelismo e à plantação de igrejas. Há quem defenda que um missionário cristão é, necessariamente,

- (a) alguém que é enviado;
- (b) para cruzar uma fronteira em direção a um sítio onde o evangelho não é conhecido;
- (c) com objetivo de ver uma igreja plantada
- (d) e que continue a alcançar essa região depois da saída do missionário¹.



Esta definição restringe o termo “missionário” a uma realidade muito específica e efetivamente exclui do âmbito da missão cristã a vida comum do cristão comum. Exclui também do âmbito da missão cristã toda uma panóplia de iniciativas “paraeclesiásticas” cujo propósito é dar testemunho de Jesus em palavra e em ação nos mais diversos contextos, sem ter contudo o objetivo de plantar novas igrejas. Na verdade, esta definição parece-nos ser de algum modo arbitrária, demasiado conveniente, feita à medida do argumento que pretende contrariar uma missiologia mais abrangente.

¹ Definição sugerida por Kevin DeYoung num artigo intitulado *When Everything is Missions* publicado por The Gospel Coalition a 9 de novembro de 2017 ([disponível online](#)).

A “grande comissão”

Reconhecemos que uma missiologia focada na igreja e na proclamação verbal do evangelho pode procurar o seu fundamento na chamada “grande comissão” que encontramos em Mateus 28:18-20. O repto de Jesus para que os seus discípulos façam, batizem e instruam novos discípulos parece remeter o âmago da missão cristã para a esfera “eclesiástica”. Por isso, encontramos cristãos que manifestam reservas em abraçar a missão 360° por lhes parecer que este texto torna prioritárias as tarefas missionárias que são relativas à vida da igreja, ao discipulado e ao baptismo dos novos convertidos. Contudo, esta conclusão corresponde a uma leitura isolada e parcial da “grande comissão”, uma leitura que pode ser corrigida e ampliada por meio de uma visão 3D deste texto bíblico.

[Mateus 28:18-20, BPT] “Então Jesus aproximou-se deles e declarou: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos. Batizem-nos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo quanto eu tenho mandado. E saibam que estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.»”

1. Intertextualidade

A “grande comissão” não é o único texto bíblico com carácter de mandato missionário dado por Deus. Ao longo da narrativa bíblica encontramos outros textos em que Deus outorga uma missão a pessoas ou povos específicos e cabe-nos a nós, intérpretes da Bíblia, discernir em que medida esses textos complementam, ampliam e conferem outras tonalidades ao texto de Mateus 28:18-20.

O exercício de interpretar/aplicar um texto bíblico mantendo em vista outros textos bíblicos que se relacionam com o tema e o propósito desse texto resulta de uma característica das Escrituras que podemos

chamar de “intertextualidade” (na realidade, esta é uma característica da literatura em geral, mas particularmente importante no estudo da Bíblia). Uma vez que a interpretação teológica da Bíblia deve assentar numa lente *intertextual*, não podemos interpretar e aplicar a “grande comissão” sem considerar o contributo do chamado “mandato cultural” (Génesis 1:26-28), o *job description* de Adão no jardim do Éden (Génesis 2:15), a vocação de Israel (causa de “bênção para todas as famílias da terra”, cf. Génesis 12:3; “povo sacerdotal e nação santa”, cf. Êxodo 19:6; “luz das nações”, cf. Isaías 49:6), as outras versões da comissão final de Jesus (João 20:21; Lucas 24:46-49²), os reptos do apóstolo Paulo (“somos embaixadores de Cristo”, cf. 2 Coríntios 5:20), os alertas de Tiago (afirmar que “a fé sem obras é morta” não será equivalente a dizer que a proclamação do evangelho sem a sua demonstração por meio de atos de compaixão e justiça é vazia? Cf. Tiago 2:17), etc. etc. etc.

Na secção com o título “Sacerdócio Universal” apresentaremos uma interpretação intertextual de Génesis 2:15 que aponta para a natureza holística da missão cristã.

2. O Texto no Contexto do Evangelho de Mateus³

A ênfase que tipicamente damos ao texto de Mateus 28:18-20 fez-nos esquecer que este texto foi chamado de *grande comissão* para o diferenciar de uma outra comissão, dada anteriormente por Jesus aos discípulos que é por vezes chamada de “pequena comissão” apenas porque abrange um território mais reduzido e não pelos objetivos

² Os manuscritos mais antigos do evangelho de Marcos terminam no versículo 16:8, não se incluindo portanto os versículos 9-20 do capítulo 16. Os estudiosos consideram que esse epílogo terá sido um acrescento mais tardio ao texto inicial, pelo que a versão da grande comissão que consta nesses versículos pode ter resultado de uma súmula introduzida posteriormente por um copista. Por isso, toma-se como normativa a versão da grande comissão apresentada em Mateus.

³ Esta subsecção é uma adaptação de anotações da autoria de Manuel Rainho por ocasião das suas palestras no Encontro Bíblico Universitário de 2018. Estas palestras estão disponíveis no YouTube do GBU e podem ser um bom complemento ao tratamento mais célere que aqui fazemos deste ponto.

traçados. Nalgumas edições da Bíblia, esta pequena comissão surge por vezes no evangelho de Mateus sob o título "Missão dos Doze"⁴ (ver Mateus 10). Com efeito, vulgarizou-se a expressão “grande comissão” não porque se refira a alguma missão última ou mais importante do que todas as outras dadas por Jesus aos seus discípulos, mas porque a “pequena” missão dada anteriormente aos Doze apenas abarcava o território da atual palestina, enquanto que aquela apontava já para a disseminação da mensagem a todos os povos.



Tanto enfatizámos a “grande comissão” que nos esquecemos que esta só pode ser compreendida se a entendermos como ampliação territorial da missão/comissão anteriormente outorgada aos Doze! E que missão era esta?

[Mateus 10:7-8, BPT] “Pelo caminho anunciem que o reino dos céus está a chegar. Curem os que estão doentes, purifiquem os leprosos, ressuscitem os mortos e expulsem os espíritos maus. Receberam de graça, deem de graça.”

Claramente incluía a pregação do evangelho: “pelo caminho anunciem que o reino dos céus está a chegar” (Mateus 10:7). O verbo anunciar vem da palavra grega *kerusso* que significa uma proclamação em alta voz ou em público, tal como faziam os arautos ou representantes oficiais dos reis. Todavia, se estivermos atentos, perceberemos que a pregação é apenas metade da missão. É, sem dúvida, crucial e insubstituível — a palavra *kerusso* assim o garante! — mas, ainda assim, é apenas parte de um todo bem maior. Sempre que os evangelistas falam de ‘pregar’ (em Mateus 10 ou em qualquer texto paralelo), eles acrescentam uma outra missão: curar enfermos e expulsar demónios.

⁴ Encontramos textos paralelos em Marcos 3:13-19, 6:7-13 e em Lucas 6:7-13, 9:1-6. Em Lucas 10:1-20 encontramos ainda um alargamento desta comissão a 72 discípulos.

Na verdade, até podemos argumentar que esta dimensão da missão dos discípulos recebe maior ênfase no texto bíblico uma vez que o evangelista refere, logo de início, que Jesus, chamando os seus discípulos, “deu-lhes poder para expulsarem espíritos maus e curarem toda a espécie de doenças e males” (Mateus 10:1).

O texto é claro. Mateus pretende enfatizar o poder que Jesus deu aos discípulos para concretizarem a missão de realizar milagres. Esse poder é central na missão. A implicação para a pregação é óbvia: esta apenas decorre como consequência do poder que Jesus concedeu para curar enfermos e expulsar demónios. A pregação do Evangelho deve acontecer a meio da manifestação das evidências do que este anuncia – o Reino onde o Senhor e Rei é Cristo.



Isto não significa necessariamente que o anúncio do Reino só acontece hoje se existirem manifestações sobrenaturais. Na verdade, os milagres tinham uma função muito mais específica no ministério de Jesus—apontar para o centro da sua mensagem: “é chegado o Reino de Deus!”. Dito de outro modo, o que estava em causa nos milagres era muito mais do que a manifestação sobrenatural: estavam em causa os valores do Reino em que “os cegos veem, os coxos andam, os que têm lepra são curados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres é anunciada a boa nova” (Mateus 11:5) porque neste Reino os últimos são os primeiros (Mateus 20:16).

Assim, e apesar dos milagres continuarem a ocorrer na igreja primitiva, nunca passou pela cabeça daqueles cristãos esperar um ato sobrenatural para manifestar os valores do Reino na resolução dos problemas que lhes surgiam pela frente. Se era viúva, órfão, ou com

fome, os cristãos da igreja primitiva não ficavam à espera de uma manifestação milagrosa. Antes, arregaçavam as mangas, mudavam o seu estilo de vida, formavam diaconatos, repartiam o que tinham, revolucionavam a forma como interagiam uns com os outros—muitas vezes confrontando a cultura vigente—de modo a revelar que o Reino dos céus já estava entre eles.

Com este entendimento, e lendo a “grande comissão” à luz da “pequena comissão”, também nós hoje temos a missão de manifestar o Reino de Deus no meio dos reinos terrenos, demonstrando na prática os valores revolucionários deste reino, idealmente integrando a proclamação no contexto dessa demonstração.

3. O Texto em Si

O texto de Mateus 28:18-20 inclui duas frases chave que devem ser entendidas em sentido holístico: “façam com que ... se tornem meus discípulos”, “ensinando-os a obedecer a tudo quanto eu tenho mandado”.

Infelizmente, em muitos círculos pedagógicos ainda vigora a ideia de que o ser humano é uma espécie de pauzinho com cérebro (*brain-on-a-stick*) e que ensinar ou discipular alguém assenta na mera transmissão de informação para processamento cognitivo e armazenamento mental. É como se imaginássemos que somos computadores ambulantes... Mas será esta uma concepção correta do que é o ser humano? E será esta uma compreensão adequada da natureza da missão educativa?



A missão 360° depreende uma compreensão do ser humano 360°. Nós não somos só aquilo que pensamos. Cada pessoa é uma confluência inextricável de pensamentos, crenças, emoções, relacionamentos, desejos, etc. E ensinar pessoas envolve muito mais do que a transmissão de informação. Em particular, ensinar pessoas a seguir Jesus implica que aquele que ensina está também a seguir Jesus. Dito de outro modo, ensinar o evangelho implica viver o evangelho. Porque o discípulo aprende não só por meio daquilo que ouve, mas também, tanto ou ainda mais, por meio daquilo que vê, daquilo em que toca com os seus dedos e daquilo que experimenta na prática.

No contexto do evangelho de Mateus, obedecer a tudo aquilo que o Senhor mandou inclui, por exemplo, o Sermão do Monte. Ora como é que o discípulo há de ser instruído acerca do amor aos inimigos: somente pelo discurso ou também pelo exemplo? Como é que o discípulo apreende a prioridade do Reino de Deus face às preocupações do quotidiano: somente pelo discurso ou por ver e até beneficiar do desapego e da generosidade daqueles que o estão a discipular?

O discipulado é, efetivamente, um aspeto central da Grande Comissão. Mas um entendimento robusto da natureza do discipulado não permite que se estabeleça uma cisão ou uma hierarquia entre a proclamação e a demonstração do Reino a partir deste texto.

Q.E.D.

Diagnosticando uma Miopia Severa

Também há quem procure refutar a Missão 360º com a ideia de que “se tudo é missão, então nada é missão”⁵. É uma frase de efeito que pode ser parafraseada desta forma “se tudo é importante, então nada é importante”. Quem faz uso desta frase pretende preservar a importância do evangelismo e da plantação de igrejas, alegando que a restrição do termo “missão” a estas áreas de atividade é necessária de modo a salvaguardar a sua primazia e o seu valor. Teme-se que o alargamento do conceito de missão a outras áreas venha ofuscar e negligenciar o trabalho dos cristãos nestas.

O argumento é, porém, uma falácia lógica e incorre num raciocínio circular (arrisca usar como definição aquilo que se tem por tese). É um argumento que não aceitaríamos estender facilmente a outras realidades: se no meu curso todas as cadeiras são importantes, então nenhuma é importante? Se no meu corpo todos os órgãos são importantes, então nenhum é importante? Se na alimentação todos os nutrientes são importantes, então nenhum é importante?

A perspetiva da Missão 360º não vem de modo algum desvalorizar as iniciativas de carácter mais eclesialístico. Pelo contrário, vem elevar as iniciativas dos cristãos em todas as outras esferas ao mesmo patamar destas, valorizando em igual medida toda a atividade que o cristão faz sob o Senhorio de Jesus Cristo. O evangelismo é incontornável, a plantação de igrejas é fulcral e a participação dos cristãos enquanto embaixadores do Reino de Deus em Universidades e laboratórios, no cuidado hospitalar, no desenvolvimento tecnológico, no combate à pobreza, no mundo dos negócios, na preservação da biodiversidade, etc.

⁵ A frase terá sido cunhada em 1959 por Stephen Neill, mas encontra-se também no artigo de Kevin DeYoung citado anteriormente.

etc. etc. é igualmente indispensável para que a Igreja dê, na era presente, um testemunho integral, palpável e vivo do evangelho.

Deste modo, a missão 360° não gera necessariamente um problema ou uma negligência, mas contribui até para corrigir uma lacuna grave que resulta de uma missiologia de amplitude reduzida. É que essa missiologia mais restritiva tem causado miopia severa no “olhar” do cristão comum: se a missão, ou seja, o serviço ao Senhor, está apenas relacionada com o domingo, com o culto e com a igreja, então quem é que estamos a servir à segunda-feira? Se a missão cristã é aquilo que diz respeito à pregação do evangelho e à vida interna da igreja, então as tarefas (*aka* missões) que cumpro de segunda a sexta na minha universidade ou no meu emprego são para quem ou para quê?



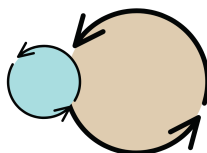
Isto gera uma visão da vida profundamente fragmentada; uma atitude diante de Deus profundamente dualista; e, muitas vezes, um coração profundamente dividido.

Não sei se hei-de continuar os meus estudos ou se hei-de ir servir ao Senhor..

Desabafo angustiado de um (ou muitos) estudante(s) anónimo(s).

Quantas vezes ainda ouvimos este desabafo? Quantas vezes o sentimos pessoalmente? O que falta para darmos conta de que esta dicotomia *estudos vs serviço a Deus* é totalmente infundada e até perniciosa?

Falta promover e viver a Missão 360°.



Definição Alargada

Assim, como contraponto à definição redutora que citámos e analisámos acima, no GBU afirmamos que um missionário é

- (a) alguém que é enviado;
- (b) para cruzar uma fronteira em direção a um sítio onde o evangelho não é plenamente conhecido e vivido;
- (c) com o objetivo de ali “refletir, viver e proclamar a mensagem de Cristo”.

Neste sentido, todos somos missionários, pois todos somos enviados (recordemos João 20:21) para contextos em que o evangelho não é plenamente conhecido e vivido: universidades, locais de trabalho, bairros, grupos associativos formais ou informais, etc. Em cada um desses contextos somos comissionados a viver os princípios do evangelho, integrando-os na nossa esfera de pensamento e ação e apontando para a Pessoa por detrás desses princípios por meio de gestos e palavras. Com esta visão ampliada podemos corrigir a miopia e viver uma vida cristã mais integrada, mais saudável, tendo um coração uno e totalmente depositado nas mãos do Senhor.



Estudo de Caso - Apostolado e Diaconato⁶

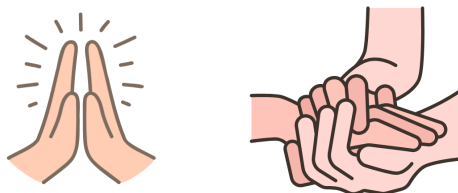
Lucas conta-nos em Atos 6 que o crescimento inicial da comunidade de crentes foi tão acentuado que, às tantas, surgiu um problema na esfera social da igreja. Nesta comunidade em que os crentes “punham tudo em comum” e “nenhum dos crentes passava dificuldades” (Atos 4:32,34), havia um cuidado especial para com os mais vulneráveis, em particular as viúvas. Com o crescimento da igreja, o auxílio prestado a estas tornou-se mais complexo e “houve um certo descontentamento por parte dos crentes de língua grega contra os crentes de língua hebraica, porque as suas viúvas eram esquecidas na distribuição diária de auxílios” (Atos 6:1). Esta situação terá sido levada aos doze apóstolos e ocasionou a escolha de sete homens para a tarefa do diaconato, enquanto os apóstolos continuaram dedicados “à oração e ao ministério da palavra de Deus” (Atos 6:4). Será que este texto indicia uma distinção estrita e uma hierarquia implícita entre o apostolado e o diaconato—ou seja, entre a pregação e o serviço?

Duas Tarefas de Igual Importância

O texto bíblico e a solução gizada naquela situação não permite estabelecer uma hierarquia entre a pregação e o serviço: ambas são vitais para que a igreja seja igreja; a solução proposta e implementada pelos apóstolos era completa, pois visava manter o foco destes na oração e no ensino ao mesmo tempo que travava a negligência no cuidado para com as viúvas. Nenhum dos dois aspetos foi desprezado ou minorizado nesta solução. A importância do diaconato é demonstrada pelo critério na selecção dos diáconos. O auxílio às viúvas não era uma tarefa menor, “secular”, ou secundária; era antes uma tarefa *espiritual* uma vez que carecia de “homens de confiança, cheios

⁶ Já tendo analisado a “grande comissão”, optamos por analisar aqui um outro texto bíblico que pode eventualmente ser usado como argumento por aqueles que rejeitam a Missão 360°, podendo esta análise servir como exemplo e mote para a análise de outros textos.

do Espírito Santo e de sabedoria” (v. 4). E ainda que alguns indivíduos específicos pudessem concentrar a sua atenção e o seu esforço em tarefas específicas (nenhum de nós pode fazer tudo ao mesmo tempo), a comunidade como um todo cumpria assim a missão 360°.



Lucas conclui esta porção de texto mencionando que “o número de crentes aumentava em Jerusalém” (v. 7). Considerando o texto de Atos 6:1-7, bem como as outras sínteses que Lucas nos oferece daquele ímpeto cristão primitivo (Atos 2:42-47; Atos 4:32-37), é razoável concluir que estas conversões resultavam do testemunho completo dos cristãos, que aliava a proclamação da palavra à vivência prática, horizontal, contra-cultural dos valores do Reino de Deus.

Apostolado como Categoria Ímpar

Lucas também nos conta que, perante o descontentamento dos crentes de língua grega, os doze apóstolos terão dito que não seria correto deixarem de pregar a palavra de Deus para se ocuparem da distribuição de auxílios (Atos 6:2). Será legítimo concluir algum tipo de hierarquia missional a partir desta reação dos apóstolos?

Já vimos que a solução proposta não parece dar azo a qualquer hierarquia, uma vez que essa solução tem o cuidado de preservar tanto a proclamação, como o serviço. O que nos parece estar em causa na resposta dos apóstolos é a singularidade da tarefa apostólica. Estávamos no início da era cristã, nos primeiros dias daquilo que veio a ser a Igreja. Aqueles doze homens tinham feito parte do círculo íntimo

de Jesus, acompanhando-o no seu ministério terreno, ouvindo-o e vendo-o em ação, sendo agora figuras fundamentais para transmitir o evangelho àqueles que se iam convertendo, com um ensino baseado de facto naquilo que tinham recebido do Senhor. Neste sentido, e apenas neste sentido, concordamos que seria de facto incorreto que *aqueles* homens se vissem sobrecarregados com a gestão do auxílio às viúvas, abandonando as suas funções de liderança pastoral.

Hoje em dia ninguém pode reivindicar uma autoridade idêntica à autoridade apostólica, pelo que a afirmação de que é incorreto deixar de pregar para prestar algum tipo de cuidado social não pode assumir o mesmo peso se aplicada a qualquer um de nós. No máximo, é válido o princípio geral segundo o qual devemos gerir sabiamente as nossas responsabilidades pessoais e as várias áreas de atuação da comunidade cristã, podendo haver pessoas que se focam numa ou noutra área por inerência de funções, dons, circunstâncias, etc. Esse foco não é rígido ou estanque—até porque não foi rígido ou estanque sequer para os próprios apóstolos e diáconos referidos por Lucas!

As Funções Não São Rígidas

O trecho de Lucas 6:1-7 serve, em parte, o propósito de nos apresentar Estevão, “homem cheio de fé e do Espírito Santo”, como diácono, ou seja como responsável pela gestão do auxílio às viúvas. Ora, logo de seguida, Lucas conta-nos em detalhe a história deste Estevão: era alguém que fazia “grandes sinais e prodígios milagrosos entre o povo” (Atos 6:8) o que suscitou discussões com líderes judaicos (v. 9), uma conspiração (v. 11), um julgamento fraudulento (v. 11-15) e uma extraordinária pregação interrompida pela raiva dos membros do tribunal que, furiosos, o expulsaram da cidade e o apedrejaram (Atos 7). Estevão, o diácono, torna-se assim o primeiro mártir cristão. E não deixa de ser curioso que este desfecho seja motivado pela sua defesa perante o tribunal judaico,

uma defesa em que, na realidade, estava a proclamar a autoridade de Jesus (i.e. a pregar o evangelho) pouco depois de ser escolhido para exercer uma tarefa de serviço. O caminho do diaconato à proclamação pode ser muito curto...



Em sentido inverso, podemos lembrar que Paulo se apresenta a si mesmo como apóstolo (Gálatas 1:1) e, de facto, encontramos-lo ocupado sobretudo com iniciativas de cariz mais “eclesiástico”: viagens missionárias, plantação de novas comunidades cristãs, discipulado e exortação dos crentes em pessoa e por correspondência, etc. Mas é significativo que essa ênfase do ministério de Paulo não seja rígida, pois ele não se excluía das tarefas de serviço. Isto é demonstrado pelo envolvimento do apóstolo na organização da coleta para os crentes que passavam necessidades em Jerusalém (ver 1 Coríntios 16:1-4, 2 Coríntios 8:1-15, Romanos 15:22-29). Os textos bíblicos evidenciam que Paulo participou nesta iniciativa quer por meio da exortação pastoral, apelando à generosidade dos crentes gentios, quer intervindo nos aspetos logísticos da coleta. Ou seja: o caminho da proclamação ao diaconato também pode ser curto...

Conclusão

O texto de Lucas 6 não indicia uma hierarquia missional entre pregação e serviço, uma vez que: a solução encontrada preserva a integridade de ambos; o apostolado é uma categoria singular daquele momento histórico; a distância entre a proclamação e o diaconato é curta, muitas vezes difusa, até mesmo para os apóstolos.

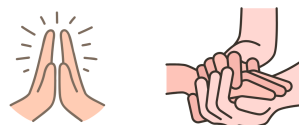
O MOVIMENTO LAUSANNE

Duas Missiologias em Confronto

Corria o ano de 1974 quando líderes evangélicos do mundo inteiro se reuniram em Lausanne, na Suíça, sob os auspícios de Billy Graham, para debater a situação da evangelização mundial. Aquele era até à data o congresso internacional evangélico mais representativo. Tinha o propósito de intensificar a colaboração entre as organizações e igrejas cristãs de modo a chegar àqueles que, nos vários quadrantes do globo, permaneciam inalcançados pelo evangelho.

Vivia-se então o auge das cruzadas evangelísticas e os líderes e teólogos ocidentais tinham como ponto de partida a perspectiva missiológica “de amplitude reduzida” que adotavam, *por default*, nos seus contextos. Assim, abordaram o congresso focando-se nas iniciativas de cariz estritamente proclamatório e eclesiástico.

Mas nesse congresso foram confrontados por uma missiologia distinta, promovida e praticada noutros pontos do globo. Na América Latina nascia a “missão integral”, promovida por líderes como Samuel Escobar e René Padilla (que permaneceram profundamente conectados aos GBU's dessa região durante décadas). Provenientes de realidades sociopolíticas muito complexas, sociedades afetadas pela pobreza, pela corrupção, pelo autoritarismo e por ideologias polarizadoras, estes líderes afirmavam que a missão cristã não pode abstrair-se do contexto social em que ela ocorre. Por isso, a missão cristã une a proclamação do reino de Deus à demonstração desse reino por meio de atos de justiça, de bondade e de compaixão na sociedade.



Ademais, estes líderes entendiam que a missão cristã se estende à totalidade da vida...

O homem que crê ser Deus o Criador de todo ser humano é, por força, um homem sensível, 'nada humano lhe é alheio'. Por isso vê a própria vida como um serviço constante: uma missão não é unicamente 'espiritual', senão integral.

Samuel Escobar, "Servir a Deus no Mundo",
Série Lausanne nº1, Aliança Bíblica
Universitária do Brasil, 1975.

No congresso de Lausanne de 1974, ficou também célebre o discurso em que René Padilla rejeitou resolutamente uma missiologia restritiva:

"A este respeito eu posso apenas insistir que 'o imperativo da ética evangélica forma um todo indissolúvel com o indicativo do Evangelho.' Uma outra forma de dizer isto é afirmar que as duas tábuas da Lei têm de ser mantidas juntas, ou que a preocupação da reconciliação do homem com Deus não pode ser separada da preocupação com a justiça social, ou que o mandato evangelístico tem de ser cumprido no contexto da obediência ao mandato cultural, ou que o Reino de Deus manifesta-se a si mesmo no meio dos reinos dos homens, ou simplesmente que a missão da igreja não é separável da vida da igreja. Eu recuso-me, portanto, a causar uma brecha entre aquilo que seria uma tarefa primária para a igreja, nomeadamente a proclamação do Evangelho, e uma tarefa secundária (na melhor das hipóteses) ou até opcional (no pior

caso). De modo a ser obediente ao seu Senhor, a igreja não deve nunca empreender algo que não seja essencial; portanto, nada daquilo que a igreja faz em obediência ao seu Senhor é não-essencial. Porquê? Porque o amor a Deus é inseparável do amor aos homens; porque a fé sem obras é morta; porque a esperança inclui a restauração de todas as coisas no Reino de Deus. (...) Eu estou simplesmente a pedir que levemos a sério a relevância do Evangelho para a totalidade da vida do homem no mundo. A única alternativa a isto seria dizermos que Deus está interessado em que lhe chamemos "Senhor, Senhor," mas não está interessado na nossa obediência à sua vontade a respeito de assuntos tão cruciais como a injustiça e a opressão social, a fome, a guerra, o racismo, a iliteracia, etc."

A Bíblia e a Justiça Social

Importa frisar que, desde o início, a ênfase social da missão integral deriva plenamente do repto por justiça e compaixão que ecoa repetidamente a partir das Escrituras: na Lei de Moisés, na exortação dos profetas, na esperança de restauração, nas palavras de Jesus, nas ênfases dos seus seguidores...

[Levítico 19:15, BPT] “Não deem sentenças injustas. Não prejudiques o pobre nem favoreças o rico. Deves julgar com justiça os teus concidadãos.”

[Amós 5:23-24, BPT] “Afastem de mim o barulho dos vossos cânticos; não posso ouvir a música das vossas harpas. Quero, sim, que a justiça corra como as águas, e aquilo que é reto, como um rio que nunca seca.”

[Isaías 61:11, NVI] “Porque, assim como a terra faz brotar a planta e o jardim faz germinar a semente, assim o Soberano Senhor fará nascer a justiça e o louvor diante de todas as nações.”

[Mateus 5:7, ARC] “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos.”

[Mateus 23:23, BPT] “Ai de vós, doutores da lei e fariseus fingidos! Dão a Deus a décima parte da hortelã, do endro e dos cominhos, e põem de lado as coisas mais importantes da lei, tais como a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Estas coisas é que era preciso cumprir, sem desprezar as outras.”

[Tiago 1:17, BPT] “A pura e verdadeira religião diante de Deus, nosso Pai, é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas nas suas dificuldades e afastar-se da corrupção do mundo.”

Infelizmente, ainda que esta ênfase social seja absolutamente bíblica (não cabe fazer aqui o argumento completo, mas os textos acima indicados já seriam suficientes para atestar este facto), a missão integral tem sido encarada com suspeição por parte de grupos e indivíduos cristãos que negam que qualquer apelo por justiça social possa integrar a fé e a prática cristã. Esta reação é, ainda hoje, uma

herança da Guerra Fria, um resquício exacerbado da velha disputa entre o capitalismo e o comunismo. E se a reação ainda perdura até aos nossos dias, mais palpável era ainda no ano de 1974, numa altura em que ainda estava cerrada a cortina de ferro que dividia o mundo entre os países ocidentais e ainda se lutava no Vietname.

Não cabe aqui analisar a disputa ideológica e económica entre capitalismo e comunismo, mas parece-nos lamentável que a missão cristã—outorgada pelo Senhor de todas as coisas—tenha hoje os seus contornos limitados por causa de um debate entre ideologias de senhores humanos (independentemente dos benefícios e malefícios de cada uma dessas ideologias).

Posto isto, rejeitamos que a Missão Integral (e, conseqüentemente, a Missão 360°) padeça de um viés político ou ideológico. Pelo contrário, afirmamos com convicção que esta missiologia, com a teologia e com a prática que lhe estão associadas, vem corrigir o viés político e ideológico dos cristãos que rejeitam o elemento social do evangelho. Afirmamos também que esta missiologia está alinhada com a história da igreja no seu melhor!

A Missão Integral na História da Igreja

Os cristãos têm um receio justificado da inovação doutrinária, porque, afinal, a nossa fé assenta na transmissão, geração após geração, daquilo que recebemos desde os apóstolos. É maldito aquele que quer modificar o evangelho de Cristo (cf. Gálatas 1:7-9). E é o zelo pela tradição apostólica que permite enfrentar seitas e heresias.

Talvez a nossa análise à “grande comissão” já fosse suficiente para mostrar que a Missão 360° respeita a e até assenta na tradição apostólica. Mas pode ainda assim soar a inovação e, portanto, a algo

perigoso. Será que podemos subscrever inteiramente uma missiologia que parece ter nascido há cerca de 50 anos atrás na América Latina?

A este respeito, é bom e oportuno esclarecermos que, na verdade, qualquer discussão sobre missiologia (ou seja, qualquer abordagem sistemática e técnica à missão cristã) é uma discussão evidentemente moderna. É o advento da modernidade, da racionalidade, da ciência e da tecnologia (que podemos situar ali a partir do século XVII) que provoca a sistematização gradual das várias áreas do conhecimento e da vida humana. É porque passámos pela modernidade que nos ocupamos de *definir* o que é missão e teorizar sobre o assunto. No sentido teórico, a Missão 360° é de facto recente, assim como é recente a própria missiologia enquanto ramo da teologia.

Mas o lado prático é muito mais decisivo! E quando analisamos a prática dos cristãos ao longo dos séculos constatamos que sempre houve cristãos a viver a Missão 360°. Os exemplos de líderes cristãos que integraram as funções “religiosas” com a educação, os cuidados de saúde, a advocacia pelos pobres e marginalizados, a alfabetização, o confronto com autoridades e sistemas injustos, etc. são imensos e são inspiradores. Desde figuras mais conhecidas e incontornáveis, como Martin Luther King Jr. e William Wilberforce, passando por Josephine Butler (ativista cristã que lutou contra o tráfico de mulheres e crianças na Inglaterra do século XIX) e John Wesley (que, no século XVIII, ensinava a Bíblia ao mesmo tempo que promovia cuidados de saúde, higiene e saneamento básicos), recuando ao período mais remoto em que os mosteiros eram simultaneamente locais de estudo da palavra e centros de cuidado para com os doentes e de hospitalidade para com os pobres e forasteiros (a criação do primeiro “hospital” é atribuída a Basílio de Cesareia, um Pai da Igreja do século IV), e incluindo milhares de cristãos comuns a viver vidas comuns ao longo da história.

A prática da Missão 360° permeia a história da Igreja. Acreditamos que essa prática decorre do exemplo e do mandato do próprio Senhor da Igreja, aquele que foi escolhido para “levar a boa nova aos pobres”, “anunciar a libertação aos prisioneiros”, “dar vista aos cegos”, “pôr em liberdade os oprimidos”, “proclamar o tempo favorável da parte do Senhor” (Lucas 4:18-19).

Nota: não obstante a nossa convicção de que a Missão 360° e a Missão Integral são profundamente bíblicas, reconhecemos que não ajuda a causa da Missão Integral o facto de ter coincidido, do ponto de vista temporal, com um outro movimento teológico designado de Teologia da Libertação, de origem católica, que assentava, de um modo explícito, numa análise da sociedade feita a partir de categorias marxistas (algo que, por si só, não significa que esta teologia deva ser demonizada nem invalida que tenha os seus méritos e frutos). Também prejudica a causa da Missão Integral o facto de alguns (poucos) dos seus principais proponentes em tempo recente se terem aliado a figuras ou a partidos políticos (por exemplo, no contexto do evangelicalismo no Brasil). Lamentamos essa infeliz aliança, mas ela não pode implicar, por si só, que a Missão Integral é inválida. (Do mesmo modo que a aliança feita por vários líderes cristãos com o lado oposto do espectro político não implica, por si só, que toda a teologia desses líderes seja inválida.)

A Síntese de Lausanne

Conta-se que a tensão naquele congresso em 1974 foi real e palpável. E talvez agora consigas imaginar porquê... Para surpresa de muitos dos delegados ocidentais, estavam ali em confronto duas missiologias distintas, duas visões divergentes acerca da natureza e do objeto da missão cristã. Conta-se também que a tensão poderia ter resultado no fracasso daquele congresso, mas a diplomacia e o engenho teológico de John Stott evitaram esse desfecho. Logo em 1974, Stott convenceu os participantes a integrarem a preocupação com a justiça social no mandato evangelístico. Pelo que o congresso sobreviveu e gerou um movimento, chamado Movimento Lausanne, um movimento que continua até hoje a actuar como catalisador de iniciativas missionárias dos evangélicos ao redor do globo.

Aquela que nos parece ser a síntese mais madura do próprio Movimento Lausanne (gizada no Compromisso da Cidade do Cabo, em 2012) incorpora uma definição de missão integral⁷ mais substancial e que, à luz dos eventos desse primeiro congresso de 1974, foi para muitos a imagem de marca do movimento ao longo das décadas:

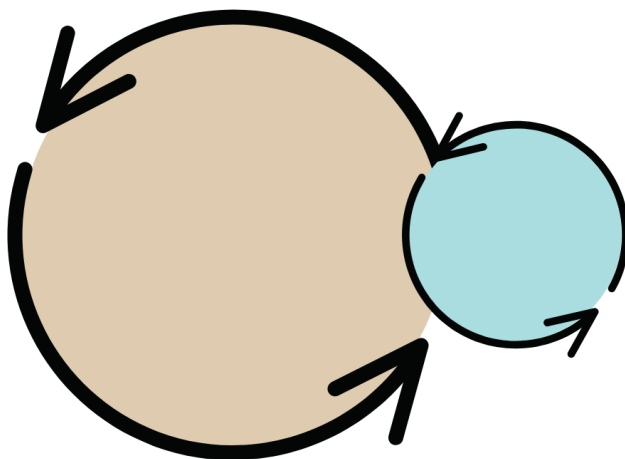
“A missão integral é a proclamação e a demonstração do evangelho. Não é simplesmente o caso de que o evangelismo e o envolvimento social são feitos lado a lado. Em vez disso, o que acontece é que, em missão integral, a nossa proclamação tem consequências sociais à medida que chamamos as pessoas para amar e para se arrependerem em todas as áreas das suas vidas. E o nosso envolvimento social tem consequências evangelísticas à medida que damos testemunho da graça transformadora de Jesus Cristo. Se ignorarmos o mundo, traímos a Palavra de Deus que nos envia para servir o mundo. E se ignorarmos a Palavra de Deus, não temos nada a trazer ao mundo.”

Ainda que a tensão e o debate continuem a persistir no mundo evangélico, bem como no seio do Movimento Lausanne, muitas igrejas e organizações perceberam que esta missão integral faz realmente jus ao esplendor de Deus e à grandeza do seu evangelho. E muitas organizações missionárias para-eclesiásticas perceberam que a missão integral acrescenta à sua missão—que, no caso do GBU, é a missão *dos estudantes*—um significado mais profundo, mais rico e mais bíblico.

Há muitas maneiras de fundamentar biblicamente esta missiologia (e de explorar as suas outras ramificações, pois ao falarmos de missão 360° não estamos apenas a querer abarcar a proclamação e a ação social, mas também áreas como a ciência e a cultura, para além de outros aspetos mais corriqueiros da vida quotidiana e da vida familiar). Alguns dos caminhos que podemos seguir para fundamentar a missão 360° já foram aflorados na citação de René Padilla. No contexto do GBU cremos que a doutrina do sacerdócio universal é particularmente

⁷ Esta definição é citada e reiterada no Compromisso da Cidade do Cabo mas encontra-se originalmente em documentos do Desafio Miquéias, uma organização evangélica global de combate à pobreza e à corrupção.

adequada e poderosa para sustentar a nossa missiologia na teoria e na prática⁸.



⁸ Nisto seguimos o caminho desbravado por Timothée Joset no livro *The Priesthood of All Students: Historical, Theological and Missiological Foundations of a Global University Ministry* (Langham, 2023).

SACERDÓCIO UNIVERSAL

A doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes ocupa um lugar de destaque na fé evangélica. No decurso da Reforma Protestante, o próprio Martinho Lutero terá esboçado essa doutrina ao recorrer ao texto bíblico de 1 Pedro 2:9 para contestar a divisão estrita entre clero e leigos, mediante a qual as autoridades eclesiásticas exerciam uma influência abusiva sobre o cristão comum na sociedade medieval.

[1 Pedro 2:9, BPT] “... porque são geração escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo que pertence a Deus para proclamar as admiráveis obras daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa.”

O princípio segundo o qual todo o cristão desempenha um papel sacerdotal torna-se assim um fundamento do Protestantismo e os cristãos e respetivas comunidades cristãs que colocam de facto em prática este princípio demonstram desse modo a sua maturidade cristã.

Consideramos, porém, que, de um modo geral, as muitas implicações deste princípio ainda não estão totalmente discernidas e apreendidas pelo cristão comum. Talvez ainda não tenhamos compreendido que o “sacerdócio universal” não é meramente uma doutrina satélite da fé cristã mas constitui uma lente que permite re-unir e re-ler a grande história das Escrituras. Com esta lente podemos compreender o evangelho de um modo que inclui neste a vocação que, no seu bom propósito, o Criador confere ao ser humano.

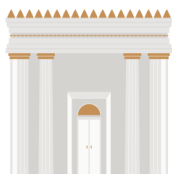
Vamos fazer este exercício, começando “no princípio”.



Gênesis 1-2

A grande epopeia bíblica inicia-se com a criação do cosmos e da vida humana por meio de uma linguagem que remete para a construção dos templos e dos jardins sagrados do Antigo Oriente Próximo. Na imagética evocada pelo Gênesis 1, o cosmos é apresentado como um imenso macro-templo criado em 7 dias (as narrativas de construção e dedicação de templos em 7 dias não eram incomuns); se nos templos pagãos era colocada uma imagem esculpida da divindade que ali seria adorada, no templo-cosmos são colocados seres humanos como imagens de Deus, representantes do Criador⁹. Na imagética evocada pelo Gênesis 2, encontramos a descrição estilizada e típica de um jardim sagrado. Esses jardins eram muitas vezes adjacentes aos templos e a sua fertilidade seria apreciada e considerada como dádiva da divindade ali adorada. O jardim do Éden funciona também como um microcosmos, ou seja, uma representação em ponto pequeno da realidade universal. Deus coloca ali o ser humano com uma vocação que é específica, mas que se amplia a toda a realidade.

[Gênesis 2:15, BPT] “O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden, para nele trabalhar e para o guardar.”



Templo

Deus coloca o homem neste jardim para nele “trabalhar e o guardar” (heb. *abad* e *shamar*). O verbo hebraico *abad* é de uso comum mas

⁹ Aqui só podemos apresentar de modo muito sucinto esta interpretação do Gênesis 1-2 que compara a narrativa bíblica àquilo que se conhece das cosmogonias de outros povos do Antigo Oriente Próximo. Os livros, artigos e palestras do estudioso do Antigo Testamento John H. Walton são uma boa referência para aprofundar este tema.

tem na realidade um sentido duplo, pois significa “trabalhar” e também “adorar”. Para além disso, parece-nos muito relevante que estes dois verbos sejam usados em conjunto noutras passagens do Antigo Testamento para referir a responsabilidade dos sacerdotes no serviço a Deus no templo. Eis alguns exemplos:

[Números 3:7-8, BPT] “[Os levitas] devem ficar de guarda (*shamar*) diante da tenda do encontro ao seu serviço e de todos os israelitas, cumprindo (*abad*) as funções sagradas do santuário. Devem cuidar (*shamar*) de todos os objetos da tenda do encontro, assegurando a guarda em nome dos israelitas e cumprindo (*abad*) as funções sagradas do santuário.”

[1 Crônicas 23:32, BPT] “[Os levitas] tinham a seu cargo (*shamar*) a guarda (*shamar*) da tenda do encontro e o santuário e deviam ajudar (*shamar*) os descendentes de Aarão, seus irmãos, no serviço (*abad*) do templo do Senhor.”

Entendemos assim que, tal como a imagética de Génesis 1-2 apresenta o cosmos como um macro-templo, numa descrição repleta de simbologia, também a linguagem de Génesis 2:15 apresenta a vocação humana naquele jardim sagrado como sendo uma *vocação sacerdotal*! Isto pode indicar — e para alguns estudiosos do Antigo Testamento é precisamente isso que indica — que Adão é colocado no jardim como um representante sacerdotal de Deus, como mediador entre Deus e a criação, cuidando desta para que ela possa florescer de acordo com o bom propósito de Deus. Por outras palavras, e extrapolando agora para a nossa própria vocação: este jardim, este planeta, este cosmos é um imenso templo (a presença de Deus é real no mundo) e nós temos uma chamada sacerdotal nesta realidade; somos desafiados a representar Deus neste jardim. Cuidar do jardim e de tudo o que lhe diz respeito é uma vocação sagrada que se estende a todo o ser humano que quer viver debaixo do bom propósito do Criador. Cuidar do jardim envolve a jardinagem, a agricultura, a tecnologia, a administração e a gestão, a organização e a logística e até a atividade científica (veja-se como Adão

desempenha se torna zoólogo em Gênesis 2:20), etc. Dito de outro modo: esta é uma missão 360°!



O Sacerdote Inigualável

A vocação sacerdotal do ser humano como representante de Deus no mundo é afetada pela história do Gênesis 3: naquele ato de desobediência, desconfiança e usurpação, Adão e Eva abandonam a sua vocação; desafiam o Criador em vez de o representarem. Mas essa vocação tão sagrada e tão grandiosa não é esquecida por Deus!

Num primeiro momento, a vocação transita de Adão para Abraão e os seus descendentes, ou seja, transita da humanidade inteira para Israel, um povo chamado para ser um “reino de sacerdotes” e uma “nação santa” (Êxodo 19:6). No contexto de Israel, como povo que prepara a redenção de Deus e a chegada do Messias, a vocação sacerdotal está temporariamente centrada no templo e no papel mediador dos levitas (mas sem excluir por completo os outros aspetos da vida humana, uma vez que os sacerdotes mediavam também a aplicação da Lei de Moisés a tantas áreas distintas – saúde pública, colheitas, infrações cometidas contra o próximo, etc.)

A história de Israel culmina na história de Jesus Cristo, o Messias escolhido para selar definitivamente o plano de redenção de Deus. O homem-Deus que reverte a maldição a que as criaturas ficaram sujeitas por causa do pecado de Adão e Eva. O sacerdote supremo e inigualável que numa cruz romana (re)medeia de uma vez por todas a condição do ser humano perante o Criador. O papel sacerdotal de Jesus é atestado de forma implícita e explícita ao longo do Novo Testamento e é absolutamente incontornável na grande história das Escrituras. A

singularidade deste papel é especialmente enfatizada pelo autor da Carta aos Hebreus:

[Hebreus 4:14-16, BPT] “Uma vez que temos um sumo sacerdote tão importante, Jesus, o Filho de Deus, que chegou até à presença do próprio Deus, estejamos firmes na confissão da nossa fé. Sabemos que o nosso sumo sacerdote se compadece das nossas fraquezas, pois foi tentado em tudo como nós, sem cair no pecado. Aproximemo-nos, pois, com toda a confiança, do trono da graça e assim conseguiremos alcançar misericórdia e graça e encontrar ajuda no momento próprio.”

[Hebreus 7:22-25, BPT] “Jesus tornou-se o garante de uma aliança melhor. Ainda há outra diferença. Os outros sacerdotes eram muitos porque quando um morria outro tinha que o substituir. Mas Jesus permanece para sempre e por isso não precisa de transmitir a outros a sua função sacerdotal. É por isso que ele pode salvar definitivamente todos quantos se aproximam de Deus por meio dele. É que ele está sempre vivo para interceder a favor deles.”

O propósito desta missão sacerdotal de Jesus pode ser descrito de muitas formas. Por exemplo, podemos afirmar que Jesus desempenha o seu papel sacerdotal de modo a restaurar o papel sacerdotal mais amplo da comunidade que nasce a partir do seu ministério.



Um Povo de Sacerdotes

O apóstolo Pedro afirma que a vocação de Israel é transferida para aqueles que estão agora em Cristo. Sendo Ele o fundamento de uma nova realidade, a pedra principal de um “templo espiritual”, cada cristão é também como uma “pedra viva” desse templo, formando “um sacerdócio santo” (1 Pedro 2:5).

A história do povo de Israel culmina em Jesus. Da história de Jesus brota um novo povo, a Igreja, vocacionado para ser “sacerdócio real, nação santa” (1 Pedro 2:9). O papel sacerdotal do cristão comum diz

respeito à adoração (oferecemos “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus”); mas esta adoração não se esgota no culto e no templo. Este papel sacerdotal é também aquilo que, por outras palavras, Paulo chama de “ministério da reconciliação” (2 Cor 5:18). Enquanto sacerdotes, chamamos as pessoas ao arrependimento e à reconciliação com Deus; mas este ministério não se esgota no discurso, exige também a ação.



Sacerdócio Total

Atendendo ao conselho e à trajetória de toda a Escritura, adotando uma leitura intertextual da vocação sacerdotal humana, antevendo o horizonte da redenção final “nos novos céus e nova terra” que, pelas pistas que temos, não exclui o trabalho (ver Isaías 65, Apocalipse 20:4-6), podemos afirmar que a vocação sacerdotal que nos é outorgada em Cristo estende-se a todas as áreas de atividade humana, alarga-se por inteiro aos aspetos comuns e incomuns das nossas vidas. Em Cristo, a adoração e o trabalho não são realidades desconexas; em Cristo, a missão de reconciliação não é apenas discursiva mas implica também o arregaçar de mangas para intervir no mundo de um modo benigno, justo, verdadeiro...

Ao entendermos a nossa vocação sacerdotal em Cristo à luz da grande história das Escrituras que se inicia lá em Génesis compreendemos então que esta vocação abarca todas as atividades inerentes à vida humana, todas as tarefas, profissões, iniciativas, empreendimentos, pesquisas, etc. etc. “Guardar e trabalhar” o jardim inclui o cuidado ecológico e a agricultura, bem como a economia, os negócios, a ciência, a contabilidade, a saúde, a educação, o descanso, etc. etc. Todas as tarefas contêm o potencial de se tornarem tarefas ao serviço da reconciliação com Deus e uns com os outros; todas as tarefas contêm o

potencial de se tornarem tarefas de adoração, atos de culto; em todas as tarefas podemos agir como representantes de Deus nas realidades em que estamos inseridos e como representantes dessas realidades diante de Deus em oração e ação de graças.

Sacerdotes no Quotidiano

Onde é que passas a maior parte dos teus dias? A fazer o quê? Se fizeres um esboço do teu horário semanal típico, quais são as atividades e as tarefas que mais te ocupam? Consegues ver-te como sacerdote que representa o Senhor em cada uma dessas tarefas e que apresenta cada uma dessas realidades diante do Senhor em intercessão e ação de graças?



Este esquema é uma apresentação visual da grande história das Escrituras a partir do tema da vocação humana. Podes descarregá-lo [aqui](#).

TEOLOGIA DO TRABALHO¹⁰

Já referimos a polissemia do verbo trabalhar em hebraico (*abad*) e importa notar que esta se estende também à forma substantiva: no hebraico, “trabalho” e “adoração” são a mesma palavra (*avodah*). Juntando este elemento ao enquadramento teológico que apresentámos na secção anterior, temos os ingredientes para fazer uma “teologia do trabalho”, ou seja, para pensarmos na realidade do trabalho à luz da revelação bíblica.

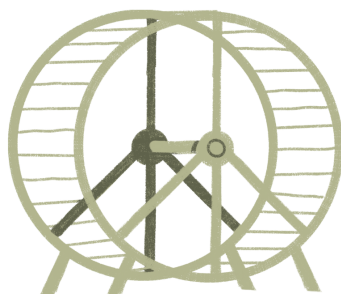
Tendo em conta a forma como o trabalho é encarado na sociedade atual, convém começar por salientar que, numa perspetiva cristã, a identidade essencial da pessoa não se confunde com e não depende do seu trabalho. Antes de sermos sacerdotes, somos filhos amados de Deus. Antes de *fazermos*, *somos*. A nossa identidade cristã assenta (muitíssimo) mais na (grande) transformação que Deus opera em nós, do que na (pequena) transformação que nós almejamos operar no mundo. Por isso, nós não somos o curso que tiramos nem o trabalho que fazemos!

Outra premissa do mundo ocidental que convém esvaziar é a ideia de que o trabalho é, essencialmente, um meio para obter riqueza. Somos levados a acreditar que o trabalhar muito resultará no ganhar muito dinheiro. E quando tivermos muito dinheiro, então teremos prazer ilimitado, zero sofrimento e a segurança de que tudo vai ser assim para sempre. Há muita gente a acreditar nisto. Talvez tu próprio acredites um bocadinho... Mas será isto verdade?

O filósofo Byung-Chul Han, no livro *A Sociedade do Cansaço*, traça o diagnóstico da sociedade contemporânea: é uma sociedade vítima de

¹⁰ Esta secção adapta várias porções do discurso do graduado do GBU Natanael Gama proferido na Bêção de Finalistas do GBU Lisboa em 2024 e disponível [aqui](#).

uma compulsão para produzir e cada um de nós é, simultaneamente, escravo e senhor, “explorando-se a si próprio”. Se não tivermos cuidado tornamo-nos facilmente pequenos *hamsters* a correr infinitamente naquela rodinha que não leva a lugar nenhum.

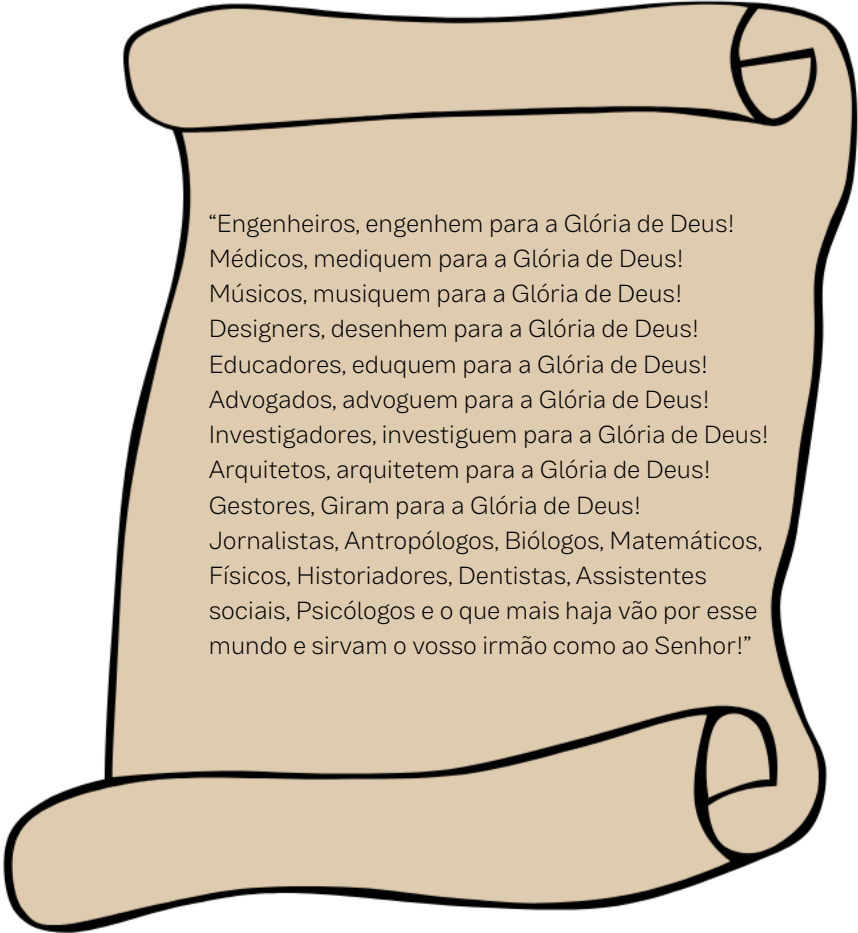


Nos altares da carreira e do dinheiro, sacrifica-se diariamente a saúde física e mental, as relações familiares, as amizades, o nosso propósito e a nossa espiritualidade. O trabalho é profanado quando é reduzido a uma forma de obter riqueza. Não é esta também a conclusão crua a que chega o Eclesiastes?

[Eclesiastes 4:4-7, NTLH] “Também descobri por que as pessoas se esforçam tanto para ter sucesso no seu trabalho: é porque elas querem ser mais do que os outros. Mas tudo é ilusão. É tudo como correr atrás do vento. Dizem que só mesmo um louco chegaria ao ponto de cruzar os braços e passar fome até morrer. Pode ser. Mas é melhor ter pouco numa das mãos, com paz de espírito, do que estar sempre com as duas mãos cheias de trabalho, tentando pegar o vento. Descobri que na vida existe mais uma coisa que não vale a pena: é o homem viver sozinho, sem amigos, sem filhos, sem irmãos, sempre trabalhando e nunca satisfeito com a riqueza que tem. Para que é que ele trabalha tanto, deixando de aproveitar as coisas boas da vida? Isso também é ilusão, é uma triste maneira de viver.”

Reconhecemos que por vezes a redução do trabalho ao sustento é imposta pelas circunstâncias da vida, pelas escolhas do passado, pelas estruturas sociais; o sustento é necessário e nem sempre temos poder de escolha relativamente à forma de o obter. Ainda assim, mesmo em trabalhos difíceis, precários, não desejados, talvez seja possível uma mudança de perspetiva—um arrependimento, uma *metanoia*—de modo a encarar o trabalho (até mesmo *aquele* trabalho) como parte do propósito de Deus, como parte da nossa “vocação sacerdotal”.

Deus criou o trabalho para que nos realizemos nele e para que através dele sejamos co-criadores com Deus, cultivando e guardando o jardim de Deus (lembramos que esse jardim representa o cosmos em ponto pequeno), participando assim no seu florescimento (cf. Gênesis 2:15). Cada um de nós, exercitando com diligência os seus gostos e capacidades, revela vislumbres da glória de Deus neste mundo. Somos participantes do sonho de Deus e não devemos ficar distraídos, muito menos obcecados, com promessas menores como a riqueza ou o estatuto social. Por isso podemos lançar o repto:



“Engenheiros, engenhem para a Glória de Deus!
Médicos, mediquem para a Glória de Deus!
Músicos, musiquem para a Glória de Deus!
Designers, desenhem para a Glória de Deus!
Educadores, eduquem para a Glória de Deus!
Advogados, advoguem para a Glória de Deus!
Investigadores, investiguem para a Glória de Deus!
Arquitetos, arquitetem para a Glória de Deus!
Gestores, Giram para a Glória de Deus!
Jornalistas, Antropólogos, Biólogos, Matemáticos,
Físicos, Historiadores, Dentistas, Assistentes
sociais, Psicólogos e o que mais haja vão por esse
mundo e sirvam o vosso irmão como ao Senhor!”

Usemos o talento e o conhecimento que Deus nos confiou. Usemo-lo de uma forma que honre aquele que nos capacitou. Não enterremos esse talento ao nos permitirmos viver aquém do nosso propósito, a troco de algum dinheiro para pequenos prazeres.

Alguns teólogos propõe que os cristãos vivem numa espécie de exílio, um exílio cultural. Encontramo-nos em contextos em que não é natural, simples e fácil obedecer a Deus. Há uma torrente de ideias, sistemas e tecnologias a vazar na nossa cultura que, intencionalmente ou não, têm por objetivo extinguir a chama do Espírito nos nossos corações. O que Jesus disse aos seus discípulos então, ecoa para nós, seus discípulos, hoje: "Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos." (Mateus 10:16)

Ecoa também a exortação do apóstolo Paulo aos cristãos em Tessalónica: "Não extingam o espírito." (1 Tessalonissences 5:19). Ser cheio desse Espírito que energiza o Cristão não é uma tarefa reservada ao clero, mas é para todo o cristão. Que diferença fará se fizermos esta oração antes de iniciarmos os nossos trabalhos: "Senhor, enche-me do teu Espírito"?

Somos enviados ao mundo para ser sal e luz.

E isso concretiza-se também, em boa medida, através do nosso trabalho. É atribuída a Martinho Lutero a ideia de que o agricultor que remove o estrume ou a criada que ordenha uma vaca agrada a Deus tanto como



o ministro que prega ou ora. Deus realiza a sua vontade no mundo através das nossas vocações. O pão pelo qual oramos na oração do "Pai nosso" é amassado por um padeiro. Somos todos participantes neste "ecossistema" em que, através do amor serviçal, suprimos as necessidades uns dos outros. Um mundo onde uma qualquer vocação

simplesmente desaparecesse seria um mundo destinado a um inevitável colapso. Imaginemos um mundo onde não havia mais medicina, ou engenharia, ou música, ou matemática, ou política. Não seria trágico?

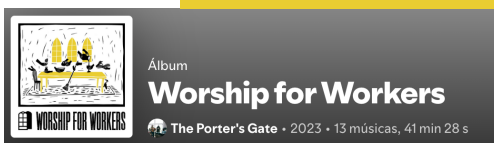
Tu trazes ao mundo uma contribuição vital, que será tanto mais significativa quanto mais permitires que Deus te guie no exercício da mesma. O mundo em que, através do trabalho, com amor ao próximo, realizamos a nossa vocação foi o mundo que Deus criou “e viu que era bom”.

Um sapateiro, um ferreiro, um agricultor, cada um tem o trabalho e a função do seu ofício, e contudo todos são de igual modo consagrados sacerdotes e bispos, e cada um deles por meio do seu trabalho ou função deve beneficiar e servir os outros, de tal maneira que, assim, muitos tipos de trabalho sejam realizados para o bem estar material e espiritual da comunidade, tal como todos os membros do corpo se servem uns aos outros.



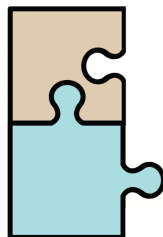
Martinho Lutero, “Uma Carta Aberta aos Nobres Cristãos”, 1520.

Uma sugestão musical...

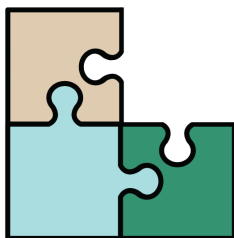


TEOLOGIA DO QUOTIDIANO

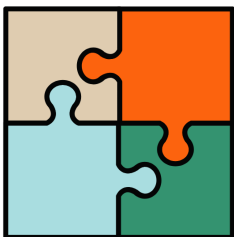
Como legado histórico do Movimento Lausanne, afirmamos que a missão cristã tem de aliar necessariamente a proclamação verbal e a demonstração prática do evangelho. Ou seja, afirmamos que a missão cristã une, numa mesma realidade e de modo inseparável, aquilo que tipicamente designamos de evangelismo e aquilo que tipicamente designamos de intervenção social.



Juntando essa síntese do Movimento Lausanne ao aprofundamento dos princípios da Reforma Protestante (em particular, o sacerdócio universal de todos os cristãos), afirmamos uma Teologia do Trabalho que vê os ofícios ditos “seculares” como parte integrante e fundamental da missão cristã.



Finalmente, de modo a que a missão cristã seja, efetivamente uma missão 360°, é necessário acrescentar ainda a compreensão de que as coisas triviais da vida quotidiana não estão excluídas dessa realidade missionária. Porque o cristão vive em missão 24/7.



Como observa a autora Julie Canlis, no livro *A Theology of the Ordinary*, a nossa obsessão com aquilo que é grandioso, impactante e espetacular, torna-nos demasiadas vezes cegos para o modo como o lado banal da vida quotidiana deve também ser vivido como ato de louvor ao Senhor, ou seja, como missão.

[Romanos 12:1, MSG] “Portanto, com a ajuda de Deus, quero que vocês façam o seguinte: entreguem a vida cotidiana — dormir, comer, trabalhar, passear — a Deus como se fosse uma oferta. Receber o que Deus fez por vocês é o melhor que podem fazer por ele.”

Como antídoto para essa cegueira, Canlis propõe uma teologia do cotidiano ancorada na forma como, no desenrolar da grande história das Escrituras, o Deus Triuno revela a sua bênção e o seu cuidado para com esse lado banal da vida terrena:

1. Os aspetos triviais da vida humana são inerentes à criação e estão abrangidos pela declaração do Pai no sexto dia de criação: “Deus achou que tudo aquilo que tinha feito era muito bom” (Gênesis 1:31). Se ignoramos esta bênção  corremos o risco de repetir o erro do *gnosticismo*, uma filosofia/religião grega que desprezava a matéria e o corpo, os aspetos concretos e palpáveis da vida humana.

2. Os aspetos triviais da vida humana são valorizados, de modo tácito e definitivo, na encarnação do Filho de Deus, a Palavra que se fez homem e que habitou no meio de nós (João 1:14). Durante cerca de 30 anos, Jesus permaneceu  anónimo, um homem normal a desempenhar um trabalho comum (é bastante plausível que tenha aprendido o ofício de carpinteiro com José) e a viver um quotidiano banal. Com isto, Jesus estava a consagrar a vida quotidiana e a elevar tudo aquilo que fazemos no anonimato da trivialidade diária. Para além disso, a encarnação faz com que o nosso “Sacerdote Inigualável” se possa compadecer das fraquezas inerentes à condição humana (Hebreus 4:15). Se ignoramos estas implicações tão profundas da encarnação corremos o risco de repetir o erro do *docetismo*, uma heresia de influência grega que colocava em causa a plena humanidade de Jesus.

3. Os aspetos triviais da vida humana são englobados na ação redentora do Espírito Santo cujo propósito é que estejamos *em Cristo*. Estar *em Cristo* implica ter a totalidade da vida alicerçada n'Ele, integralmente submetida ao Seu Senhorio. De acordo com o Novo



Testamento, esta é uma realidade operada pelo Espírito Santo (em jargão teológico podemos dizer que é uma realidade vivida “pneumatologicamente” (ver Efésios 2:21-22). A ação redentora do Espírito não se desenrola na esfera da imaterialidade; pelo contrário, desenrola-se precisamente por meio das circunstâncias materiais e concretas das nossas vidas, das mais incomuns até às mais banais, usando essas circunstâncias como contexto para o arrependimento, a transformação e o crescimento espiritual do cristão. De tal modo que podemos aplicar à totalidade das nossas vidas uma paráfrase daquilo que o apóstolo Paulo diz aos crentes em Corinto: quer comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, seja mais ou menos banal, devem fazer tudo em sintonia com o Espírito Santo (1 Coríntios 10:31). Se ignorarmos que a vida quotidiana banal é uma espécie de “playground do Espírito Santo”¹¹ corremos o risco de repetir o erro do *platonismo*, uma filosofia grega que remete a espiritualidade para um suposto plano imaterial, desconectado da nossa vida de carne e osso.

Por muito que estes *-ismos* teimem em infiltrar-se na fé cristã, eles foram categoricamente rejeitados pelos Pais da Igreja. Face à tentação de uma fé abstrata, imaterial, desenraizada, os primeiros cristãos afirmaram a crença num só Deus, o Pai Todo-Poderoso, criador dos céus e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis, o Senhor Jesus Cristo, que se fez homem, e o Espírito Santo, Senhor que dá a vida¹². Talvez não se tenham apercebido disso, mas ao defenderem assim a ortodoxia da

¹¹ Julie Canlis, *A Theology of the Ordinary*, Godspeed Press, 2017, p. 50.

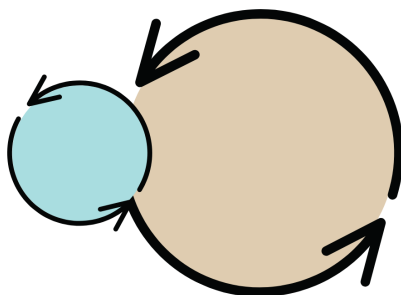
¹² Cf. Credo Niceno-Constantinopolitano.

fé cristã, os primeiros cristãos estavam também, indiretamente, a desbravar uma teologia do cotidiano que nos convida a consagrar a Deus as tarefas corriqueiras e recorrentes que preenchem muito do nosso tempo, sem terem qualquer *glamour*, sem beleza aparente, sem serem instagramáveis.



"O Angelus" de Jean-François Millet: retrato de dois camponeses parados no campo ao som do sino do Angelus, com as cabeças inclinadas em oração. Um símbolo da integração da oração nos ritmos da vida quotidiana.

A missão cristã não abarca apenas o evangelismo, a intervenção social e o trabalho formal e remunerado. Abarca também a lavagem da loiça, a ida ao supermercado, a limpeza da casa, o olá diário ao vizinho, o percurso matinal para a escola ou o emprego, o *hobbie* de fim de semana, a muda das fraldas, etc. Quando dizemos que a missão cristã é uma missão 360°, é porque é mesmo 360°!



ESPIRITUALIDADE 360º

Por fim, é necessário frisar que um cristão não é um ativista, uma vez que não encontra a sua identidade naquilo que faz, mas naquilo que é *em Cristo*. Ao propormos uma missão 360º temos de distingui-la, portanto, desse espírito ativista, ansioso, quase obcecado com o agir, o fazer, o produzir. Uma forma de vincar esta distinção é observar que, na vida cristã, a missão não é só aquilo que nós fazemos, mas é também—e em primeiro lugar—aquilo que Deus faz no nosso interior.

A conquista da identidade é, provavelmente, a questão central do problema. Prova quem és, diria a cultura tradicional. Decide quem és, diria o homem moderno. Ambos acham que a identidade é algo que se adquire (...) [Mas] se tanto o homem tradicional como o moderno se apoiam na sua própria *performance*, a identidade do cristão baseia-se na *performance* de outro — Jesus Cristo, ou seja, na vinda, morte, e ressurreição do Filho de Deus. A identidade cristã coloca-se à parte da identidade tradicional e da identidade moderna: é a única que não é conquistada — só pode ser recebida. (...)

Há uma dimensão muito relacional na resposta à pergunta da nossa identidade. Se Cristo é por onde começamos para “nos encontrarmos”, a primeira coisa a notar é que ele se apresentou como filho de Deus, falando abertamente do seu Pai. Eu sei que não sou apenas o que faço, mas devo aprender que quem eu sou tem tudo a ver com a quem pertença.

Emily Lange, *Dissonância: ensaios em bossa menor*, GBU, 2024.

Chamemos “espiritualidade cristã” à atitude de vulnerabilidade e submissão que temos diante de Deus com o desejo de sermos transformados por Ele. Propomos então que uma espiritualidade cristã

madura é aquela que se estende a todas as áreas e a todos os momentos da vida, discernindo-os como áreas e momentos de potencial transformação e crescimento, à medida que o Espírito Santo nos convence do pecado, nos conduz ao arrependimento e nos refaz à imagem de Cristo. Dito de outro modo, uma espiritualidade cristã madura é uma espiritualidade 360°.

Porque a vida cristã é íntegra e plenamente integrada, esta caminhada espiritual faz-se a par e passo com a missão 360°. A missão cristã não se faz de ativismo puro mas implica a pausa frequente e intencional para nos recentrarmos naquele que é o Senhor da missão. Esta pausa inclui práticas espirituais como a oração, a meditação nas Escrituras, o louvor em comunidade, a confissão, o descanso, etc. E estas práticas não constituem uma fuga à realidade mas uma re-ligação à Fonte da Vida que nos envia de volta à realidade quotidiana seguros de quem Ele é e de quem nós somos.

[João 15:4-5, BPT] “Permaneçam em mim, que eu permaneço em vós. Um ramo não pode dar fruto por si só, se não estiver unido à videira. Por isso, não podem dar fruto se não estiverem unidos a mim. Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que estiver unido comigo dá muito fruto porque sem mim nada podem fazer.



Concebido e Coordenado por
David Raimundo

Com o Contributo de
Débora Campos Resina
Manuel Rainho
Natanael Gama

© **Grupo Bíblico Universitário, 2025**